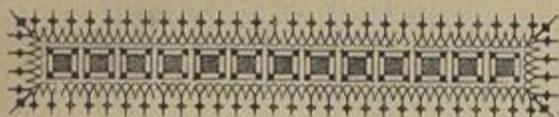
Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

22.° Anno | 10 de Janeiro de 1899 | XXII Volume — N.° 721

PORTA DO PAÇO DE SUB-RIPAS, EM COIMBRA

(Copia de uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabaram-se as festas, que tantos dias duraram.

Descançam finalmente os carteiros, fartos de subirem e descerem andares, distribuindo bilhetes dos outros com seus cumprimentos á mistura.

Estamos decididamente n'um tempo de prosa, que longe o outro não vae em que um carteiro ou distribuidor de jornaes se envergonharia de não dar em verso as boas festas.

Foi-se o Natal e foi-se o Anno Bom. Dias de santas alegrias na familia, que saudades acordaes, quantas saudades nos ides deixando!

Mais um dia santo passou, dia de Reis, e acabaram-se os dias santos.

Tambem os Res Magos nos acordam n'alma recordações sorridentes, porque fazem parte do presepio. Um d'elles é preto, os outros teem longas barbas. Vieram de longe, de muito longe, trazer ao menino deitadinho nas palhas, oiro, incenso e myrrha. E elles são dos bons, dos que na memoria vemos luzindo, luzindo como o oiro luzia, e todos nos perfumam o passado, como perfumadas são as resinas que levavam.

Vieram correndo atraz d'uma estrella resplandecente, cuja luz meiga os trouxe pelos desertos, onde as feras rugem, enchendo-lhes o caminho d'uma poeira d'oiro.

Atraz de quantas estrellas não corremos nós tambem! Luminosas são, mas todas se apagam antes que cheguemos onde a fantasia, criadora de astros, nos arrasta sedentos pelos desertos fóra.

Os Reis Magos chegaram e viram Jesus, o Messias. Quem corre para Jesus nunca a estrella se lhe apaga, nunca se vê perdido no deserto.

Santos Reis Magos, quanto sonhou comvosco a nossa fantasia de criança! Quem nos dera, agora que se approxima a noite, uma parcella d'essa luz, que pela areia sequiosa nos conduzisse, nos guiasse, a nós que esperdiçámos o oiro, e todos os perfumes das nossas almas!

Acabaram-se as festas, acabaram-se as ferias. Não ha remedio, rapazes. Mettam nas correias todos esses in-folios de sciencia vasta, os diccionarios, os mappas, os estojos, e toca para as aulas! O comboio apita, marcha para Coimbra!

A pequenada do lyceu parece que não queria estar pelos ajustes e foi-se em commissão pedir mais uns dias feriados ao ministerio do reino, onde ninguem os recebeu.

Então isto é só cambalhotar, rir, respirar o fresco da manhã em passeios e dormir toda a noite de papo para o ar? E a raposa ali á esquina...! Valha-vos Deus, pequenos!

Acabaram-se as ferias e abriram as côrtes com todo o cerimonial do estylo, discurso da coróa, girandolas de foguetes e grande salva no Aterro.

Entretanto, apesar do que se diz das tenções turbulentas da opposição, a indifferença politica é manifesta.

Apathia? Descrença? Scepticismo? Não sabemos. O que é certo, porém, é que essa indifferença, que vemos merecer a quasi todos os assumptos politicos em Portugal, não é por fórma alguma symptoma de indifferentismo pelas coisas portuguezas.

Ao mesmo passo que Portugal, segundo o parecer de muitos, vae tendo menor peso na balança do equilibrio europeu e que os nossos visinhos hespanhoes renovam uma estafada aria de cego em desafinada sanfona, a arte portugueza parece criar um novo alento e o Portugal velho genial ainda alimenta com o sopro poderoso as novas luzes que lhe accendem. Boas são ellas e poderosas tambem, que o sopro de tal gigante as não apaga.

Da critica, feita por Antonio Arroyo á obra já collossal de Teixeira Lopes, sae limpida e scintillante uma conclusão. O grande esculptor, um dos mais honrados artistas de que nós, portuguezes com justiça nos podemos orgulhar, foi na historia patria, lida attentamente, commentada por um espirito superior, adivinhada pela inspiração, que ainda é uma lingua de fogo que desce sobre rarissimos, foi na historia das nossas excelsas glorias e profundos desastres, que soube criar a melhor obra de seu cinzel milagroso.

Antonio Arroyo, socio do Instituto Portuense de Estudos e presidente da secção de Bellas Artes, fez em maio de 1898, uma serie de conferencias sobre Soares dos Reis e Teixeira Lopes, cuja publicação, ha pouco effectuada, nos permitte agora juntar um applauso tardio aos bravos com que foi acclamado. E' este dos melhores estudos feitos em lingua portugueza sobre esthetica e historia de arte, no que uma e outra de mais perto se referem ao muito que sobre o assumpto se póde entre nós discutir.

Os dois esculptores estão superiormente estudados na obra d ambos, para quem Antonio Arroyo encontrou em sua propria alma de artista facil de commover-se, em seu espirito prescrutador da razão de ser das commoções, phrazes panegyricas cheias de calor e ao mesmo tempo scintillantes da luz clarissima da logica.

Analysando a obra de Soares dos Reis, a esthetica do infeliz esculptor, a influencia por elle exercida, descrevendo-nos em breves traços o *Desterrado*, o *Artista na Infancia*, a estatua do Conde de Ferreira, o busto colossal de Mistress Elisa Leech, percebemos essa alma grande e as duvidas em que se afogou, os ideaes differentes com que luctou no decorrer dos annos, o meio apertado em que viveu esse que a uma bala de revolver havia de finalmente pedir o descanço para um coração farto de tanto soffrer, para um espirito exhausto de tanto trabalhar.

Bem differentes são as estrellas que presidem aos nascimentos de cada um. Soares dos Reis, depois de uma vida de combates, *por que a arte não consolava de tudo*, quando atingia a maior gloria da sua vida de artista com o *Busto da Ingleza*, deixava-se morrer, atirava-se contente para os braços da morte. Bemdita seja a Ventura, que assim bafeja, na tranquillidade do atelier de Villa Nova, o auctor da *Santa Isabel*, ante quem Lisboa inteira ajoelhou, da *Viuva* e do *Caim* que mereceram uma medalha d'oiro no *Salon*, d'essa ultima obra a *Historia*, para o tumulo de Oliveira Martins, e que é, no dizer de Antonio Arroyo, aquella em que Teixeira Lopes mais alto tem subido.

Só um portuguez seria capaz de conceber assim aquella tragica figura, para cuja discripção Antonio Arroyo se serve d'esta phraze: «Domina-a o presentimento tragico d uma pavorosa catastrophe, immobilisando-a, sem que comtudo soffram nem a nobreza da expressão, nem a altivez da attitude; uma leve esperança fixa-lhe o olhar dorido n'um ponto longinquo, por cima de coisas que, se diria, não quer vêr.»

E mais adeante lembra que Oliveira Martins termina o seu *Portugal Contemporaneo* perguntando: «o povo dorme ou sonha? Ser-lhe-ha dado acordar ainda a tempo?»

Ah! Teixeira Lopes soube inspirar-se, como grande artista que é, portuguez, honra e gloria de Portugal!

Mas se da esculptura passarmos a muitas outras manifestações d'arte em Portugal, facilmente nos convenceremos de que, mais profundo do que ha bem poucos annos, hoje se enraizou nos corações o amor ás nossas velhas coisas. Provaram-nos, ha bem pouco, o que affirmamos o livro de Lopes Vieira, *O Naufrago*, e o drama de Julio Dantas, *O que morreu d'amor*.

Antes porém, já que falamos de litteratura e theatro, queremos dar conta d'uma peça despretenciosa, escripta ao correr da penna por um rapaz muito novo, que quiz juntar mais uma razão de ser á gloria de seu glorioso nome de familia.

O drama de Luiz Galhardo, *A Primeira Pedra*, representado no theatro do Gymnasio em beneficio do actor Joaquim d'Almeida, teve o raro merecimento de commover toda uma platéa, que, enthusiasmada, applaudiu com longas chamadas o auctor e os principaes interpretes da obra.

A peça tem effectivamente um merecimento singular. Foi escripta n'um só momento de inspiração e toda a mocidade do auctor referve em cada scena. Se das peças se pudesse dizer o que os francezes dizem das mulheres cheias da frescura dos vinte annos, escreveriamos que a *Primeira Pedra* tinha *la beauté du diable*. E não é pouco. Quanto mais não vale um rosto fresco, cheio de covinhas, uns labios humidos, uma bocca perfumada, que todo o pó de arroz, carmim, e tintas loiras d'uma quarentona garrida e sabia!

Um bravo a Luiz Galhardo.

Dois dias depois, dava-nos o theatro D. Amelia a primeira representação da peça de Julio Dantas, *O que morreu d'amor*, quatro actos de superior litteratura, admiravelmente escriptos, sentidamente desenvolvidos. Julio Dantas, o auctor do *Nada*, era sem duvida um grande poeta. Como poeta cresceu; revelou-se o dramaturgo.

Na velha lenda portugueza leu a anedocta commovente, e, na serie de quadros que nos apresenta, a sua bella alma de portuguez mostra-se primorosamente artistica.

Fez um drama para ficar. *O que morreu d'amor*, não julgou ter tão longa vida.

O desempenho, é claro, foi primoroso, como a obra o merecia. Rosa Damasceno e Maria Falcão contornaram suavissimamente as duas graciosas figurinhas medievaes. Lindo o quadro ao levantar do panno para o segundo acto! Brazão, extraordinario na morte e no resto merecendo bem o cognome em theatro de nosso primeiro culto de arte decorativa. João Rosa excellente em todo o papel de caracter tão variado, transpirando bondade quasi santa. Augusto Rosa, no caracteristico *Pero Gafo*, verdadeiramente extraordinario na mais bella scena de toda a peça, o dialogo do terceiro acto com Pero Roiz.

Manancial fresquissimo do que ha de mais cristallino é todo o nosso passado, historia, chronicas, lendas, romances, poesia.

Para elle volvemos olhos saudosos e a saudade, que á tão nossa, nos inspira.

Entre os muitos livros ultimamente publicados, *O Naufrago* de Lopes Vieira intensamente nos commove por um perfume de saudade que se evola de cada pagina. Camões e Chrisfal parecem ter sido as leituras queridas do poeta. E ao lermos os sonetos epicos e as preciosas quintilhas, que, tantas e tão bellas ha no livro, parece ouvirmos queixas d'um desterrado, saudoso do que foi, amargurado onde vive.

O que foi, o que já não é, inspirou-lhe uma das mais formosas poesias *A Senhora do Mar ou das Ondas*. Todo o sentimento do livro n'aquella se resume.

Deitaram-lhe abaixo a egreja. Os que andam sobre as ondas já não podem apegar-se com ella. E tantas maravilhas fizera! E tantos naufragos salvara! Que é da vossa imagem, Senhora do Mar?

> «Pelas ondas do mar fostes trazida,
> Pelas ondas do mar fostes levada.»

Talvez a arte, um dia, faça um milagre como o de Christo a Lazaro.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

PORTA DO PAÇO DE SUB-RIPAS

Pela historia e pela elegante architectura manuelina se recommenda o edificio de que reproduzimos em gravura a porta do paço de Sub-Ripas, em Coimbra.

De uma grande tragedia parece ter sido aquella casa theatro, qual a da morte de D. Maria Telles ás mãos de seu marido o infante D. João.

De uma belleza incontestavel é o portico manuelino que dá entrada para a casa acastellada, que foi dos Templarios.

Em um dos proximos numeros do OCCIDENTE publicaremos artigo mais desenvolvido sobre este assumpto.

D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO

Arcebispo de Braga

A morte d'este prestantissimo prelado, o illustre arcebispo primaz de Braga, produziu um vacuo enorme entre os principes da egreja portugueza. A mitra de Braga, sempre collocada na cabeça de notaveis religiosos, teve em D. Antonio Honorato um digno seguidor das formosas tradicções de frei Bartholomeu dos Martyres e de frei D. Caetano Brandão, tão illustres nas virtudes e seu apostolico exercicio como nas obras de sciencia e litteratura.

Embora D Antonio não deixasse obras litterarias do tomo e importancia das d'aquelles seus antecessores, ou como das de D. Rodrigo da Cunha, foi comtudo um espirito culto, um coração de extrema bondade, um finissimo caracter, o que o tornava querido e respeitavel aos olhos de todos, que o conheciam e que sentiram vivamente o seu transito para a eternidade.

Contava agora 78 annos o eminente sacerdote, que nascera na freguezia de S Pedro de Coimbra, em 16 de outubro de 1820, filho legitimo de paes humildes, Jeronymo José de Freitas e de D. Symphorosa Maria Vieira, familia dos mais exemplares costumes e onde D. Antonio apren-

deu a formar o seu coração e o seu espirito, pelos mais puros dictames da honra e da piedade.

Mostrando desde muito novo propensão para as lettras, seguiu os estudos a que em geral se dedicam os filhos da bella rainha do Mondego.

Dedicando-se á carreira ecclesiastica, e tomando successivamente as ordens menores e sacras, matriculou-se em 1837 na faculdade de Theologia, na Universidade, terminando o seu curso em 5 de julho de 1844. Em 28 de julho recebeu o grau de doutor e no anno seguinte foi nomeado parocho de Santa Cruz, da cidade de Coimbra, cargo que mais tarde teve de resignar por ser incompativel com o exercicio do cargo de lente de theologia.

Cumulativamente exerceu o professorado de sciencias ecclesiasticas no seminario da diocese de Coimbra, na qual tambem foi examinador synodal.

Nomeado, em 1855, lente cathedratico da faculdade de theologia deixou, como dissemos, a sua parochia e passou a exercer os seus deveres do magisterio effectivo, como já antes satisfizera os de substituto.

Em attenção aos serviços prestados como parocho e examinador synodal, foi nomeado conego honorario da sé conimbricense. Os tributos de reconhecimento succediam-se merecidamente. Em 1851 recaiu no illustre professor a eleição para ministro da Ordem Terceira da Penitencia. Ali prestou durante dois triennios serviços relevantissimos, pelo que, em sessão de 28 de maio de 1857, a junta geral d'aquella irmandade lhe concedeu o honroso titulo de *Protector do Hospital.* Coimbra deve-lhe muitas iniciativas brilhantes: a da inauguração, em 16 de setembro de 1855, do Asylo de Mendicidade, o restabelecimento das festas da Rainha Santa Izabel, que desde 1832 até 1852 estiveram abandonadas.

Durante dezoito annos esteve o respeitavel prelado entregue ao exercicio da sua cathedral, empregando toda a bondade da sua alma e actividade do seu espirito em obras da mais perfeita caridade christã. Pelos principios de 1873 foi escolhido para o alto cargo de provisor e vigario geral do patriarchado de Lisboa, de que tomou posse pouco depois. N'esse mesmo anno foi preconisado arcebispo de Mitylene, no consistorio de 25 de julho, sendo sagrado em S. Vicente de Fóra, a 5 de outubro seguinte.

Em 1877, em attenção aos seus serviços, el-rei D. Luiz I agraciou-o com a carta do conselho.

Durante o impedimento, pela doença que o victimou do ultimo patriarcha, cardeal D. Ignacio dirigira o fallecido arcebispo os negocios do patriarchado e por tal forma se houve, que pela morte d'aquelle cardeal foi D. Antonio Honorato eleito, Vigario Capitular, cargo que exerceu até á posse do actual patriarcha.

E 1883, havendo resignado a mitra de Braga o arcebispo D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa foi apresentado á respectiva cadeira o arcebispo de Mitylene sr. D. Antonio, preconisado em consistorio de 9 de agosto do referido anno. A 3 de outubro seguinte tomou posse da sua archidiocese por procuração e a 25 pessoalmente.

Nunca entre um prelado cessante e o seu successor se deram mais nobres delicadezas. Para isso bastaram a sabedoria do primeiro e a prudencia do segundo. Desde logo se fizeram os mais esperançosos augurios da maneira como os negocios ecclesiasticos iam ser dirigidos; augurios que quinze annos de arcebispado não desmentiram antes confirmaram.

Foi ás 2 horas da madrugada do dia 28 de dezembro do anno findo que o illustre principe da egreja entregou a alma ao Creador. Teve uma morte tranquilla e expirou abraçado a uma cruz, dizendo momentos antes n'um tom cheio de sublime segurança da vida eterna: «Sei que vou morrer.»

Em toda a archi-diocese e por todo o paiz foi geral o sentimento pela morte de um prelado tão bondoso e caritativo, recto e justiceiro. A cidade de Braga vestiu-se de luto, em muitos dos seus edificios se pôz a bandeira nacional a meia haste, os sinos das egrejas dobraram constantemente e as repartições publicas fecharam-se por tres dias.

O cadaver foi exposto na capella do paço, onde, bem como na egreja do seminario houve missas geraes, a que seguiram vesperas, sendo depois o cadaver trasladado para a sé, onde se realisaram os officios da sepultura.

O testamento d'este principe da egreja bracarense bem revela a sua alma. Eis algumas das derradeiras disposições, que a sua minguada fortuna lhe permittiu, pois que em vida repartira quasi tudo quanto possuia pelos pobres, asylos, etc.

Determinou que o seu enterro fosse sem pompa, devendo assistir o maior numero possivel de ecclesiasticos; que os officios fossem a cantochão; que se rezassem duzentas missas por sua alma.

Legou um conto de réis nominal ao seminario conciliar; outro ao seminario de Santo Antonio; e pequenos legados a diversos asylos de Braga.

Deixou um conto de réis á confraria do Santissimo Sacramento de Santa Cruz de Coimbra; cincoenta mil réis aos pobres da mesma freguezia; os seus livros á mitra de Braga, e diversas lembranças a varios amigos.

Declarou que tinha desejos de ser sepultado junto de sua familia em Coimbra, mas como o povo bracarense o amava e estimava muito, ordenou que o sepultassem na capella de Nossa Senhora da Piedade, no claustro da Sé da cidade de Braga.

Extinguiu-se, pois, um nobre prelado, que entre outros titulos de consideração teve sempre o amor da sua humildade, orgulhando-se da pobreza de seus paes e das virtudes que elles lhe souberam transmittir.

O BOM JESUS DO MONTE

O famosissimo sanctuario de Bom Jesus do Monte, edificado no monte de que tomou o nome, no districto da freguezia de Santa Eulalia de Tenões, acha-se a dois ou tres kilometros da cidade de Braga, e bem se pode dizer que faz parte d'esta antiquissima e celebre cidade.

Por um concurso deveras admiravel de felizes circumstancias, é o Bom Jesus do Monte incontestavelmente o primeiro sanctuario de Portugal, não pela sua architectura mas por ser um riquissimo monumento de piedade christã, que dá honra á augusta capital do Minho.

Os fundadores d'este sumptuoso sanctuario souberam aproveitar com felicidade a ingreme posição do monte, cujo ingresso facilitaram com uma formosa e suave escadaria, orlada de frondoso arvoredo, varias capellas com os passos da Paixão e formosas fontes de frescas e excellentes aguas, lagos e jardins de grande belleza.

As capellas, que são uniformes, principiam na raiz do monte e chegam até ao seu cume. Os factos mais notaveis da vida do Redemptor são representados por figuras em vulto, quasi de tamanho natural, tendo principio ao fim da avenida e terminando no altar-mor da magestosa egreja, que a nossa gravura representa, pela morte do Salvador.

O viajante que subir a esta estancia encantadora e fôr ás torres da egreja verá um panorama soberbo, o mais bello de todo o nosso paiz:

O monte do sanctuario com a sua frondosa matta, a cidade de Braga, no meio de prados cobertos de pomares e searas; ao longe cordilheiras de serras; á esquerda, e a grande distancia, o mosteiro de Villa do Conde; em frente a historica villa de Barcellos; á direita o Gerez; ao longe o oceano; e finalmente por toda a parte innumeraveis soutos e devezas de carvalhos e castanheiros, quintas e pomares, e a verdura que constantemente se conserva no Minho, graças ás aguas das suas fontes, rios e regatos.

A historia d'este notavel sanctuario reduz-se a uma lucta continua de confrarias e clerigos, em que o sordido interesse d'estes ia destruindo a prosperidade promovida por aquellas, até que os prelados respectivos pozeram cobro aos ultimos e prestaram valiosos auxilios aos primeiros. Com a terminação d'estas luctas abrandou um pouco o zelo das confrarias, mas em breve appareceu uma boa administração, e hoje não tem rival, entre os outros sanctuarios do paiz.

N'alguns auctores se encontra uma desenvolvida chronica d'estes factos e interessantes e curiosas noticias ácerca da fundação do Bom Jesus e das muitas capellas, inscripções, imagens etc., que alli se vêem. Não comportando o espaço de que dispomos uma largueza conducente a bem elucidar o leitor, enviamol-o a algumas obras, onde estão consignadas minuciosamente essas fundações.

O principal d'esses escriptos são: *As Memorias do Bom Jesus*, do dr. Diogo Forjaz, que pela sua exactidão é um seguro guia para o *touriste* e curioso. Seguem-se o artigo respectivo no *Diccionario Geographico de Pinho Leal*, vol. v pag. 460 e outros no *Archivo Pittoresco*, que é de Vilhena Barbosa, e no *Roteiro do Viajante*, de João Antonio Peres d'Abreu, etc.

Com taes esclarecimentos pode razoavelmente, ajudado pela nossa estampa, o leitor imaginar, se ainda o não conhece, a magnificencia d'este sanctuario, ao qual uma excursão se impõe para justo apreço do mais bello monumento religioso do nosso paiz.

A EDUCAÇÃO NA EDADE MEDIA

(Continuado do n.º 718)

Concluidos os ajustes relativos á admissão do infantil neophyto, — aos quaes alias se procedia com extremo cuidado e circumspecção — este, acompanhado por um criado de sua casa e confiado á protecção de numerosa escolta de ginetes e homens de armas, seguia para o seu destino. O pae, consoante as suas pósses, provia, em maior ou menor quantidade e com mais ou menos luxo, ao enxovál de menino; a mãe lançava-lhe a benção, beijava-o e encommendava-o a Deus, á Sanctissima Virgem e aos santos e santas da sua especial devoção; fazia-lhe mil recommendações; dictava-lhe a norma do seu comportamento, no ponto de vista moral e religioso, em harmonia com os mais sãos e virtuosos principios; dava-lhe optimos conselhos, deduzidos da experiencia que adquirira, tanto das coisas como das pessoas; conselhos e maximas quiçá mais sensatos e proveitosos do que essas mil abstracções diffusas que enchem as paginas dos nossos modernos e tão excessivamente compendiosos tractados de philosophia e de moral.

Em um livro antigo e hoje assaz raro: a *Historia do cavaleiro Bayard*, publicado em Paris no principio do seculo passado, vem transcripta a practica que a virtuosa dama, mãe d'esse tão reputado cavaleiro, dirigiu ao tenro filho, quando este, já com o pé no estribo, e acompanhado pelo seu escudeiro e por numerosa escolta de homens de armas, de pé e de cavalo, se dispunha a seguir caminho para a côrte do duque de Saboya, onde, na qualidade de pagem, ia passar, como hoje diriamos, alguns annos em tirocinio.

«Vaes correr mundo, querido filho,» proferiu a nobre matrona, e portanto, recommendar-te-hei tres coisas: Se poséres cuidado em as não perder de vista, viverás não sómente com honra, como poderás ainda, um dia, vir a grangear fama e gloria. A primeira: é que temas a Deus sobre todas as coisas, servindo-o sempre o melhor que couber em tuas forças; não jurando, em caso algum d'esta vida, o seu santo nome em vão: — confia n'elle, e verás que jámais te ha de desamparar. A segunda: que sejas humano para com o teu semelhante, e o não tractes com soberba, que não mintas jámais nem calumnies o teu proximo; que evites a lisonja e que cumpras quanto prometteres; — pois d'este modo ganharás credito entre os homens, e encontrarás amigos a teu lado nas horas de perigo e de trabalho. A terceira: é que dos bens que houveres de Deus, repartas com a pobreza, pois lembra-te de que por dar esmolas ainda ninguem veio a ficar pobre. Crê que o que déres aos necessitados, Deus t'o accrescentará, não uma só, mas sim, duzias de vezes.

Dito isto, metteu na escarcélla ao futuro cavaleiro uma bolsasinha com seis moédas de ouro e uma de prata; entregou ao escudeiro do filho outras duas moedas de prata, recommendando-lhe que como offerta as désse ao senescal, a cuja auctoridade eram submettidos os pagens na côrte do duque, e lhe rogasse que houvesse por bem tomar á sua conta o menino; estreitou a este nos braços, depondo-lhe na fronte o osculo maternal, e o joven Bayard, cavalgando, poz-se a caminho dos paços do seu novo senhor.

Os tres conselhos que da mãe recebera, no momento da partida, representavam para elle a sumula de toda a educação havida no lar paterno: mercê, porém, da observancia das maximas e preceitos que taes conselhos envolviam, veio elle, no futuro, a ser esse peregrino cavaleiro, perante o qual se curvavam principes e até os proprios monarchas, e cujo nome, de geração em geração, nos veio transmittido nas azas da Fama.

No solar principesco, onde ia encetar a sua carreira, encontrou o juvenil pagem numerosos companheiros da mesma edade; os exercicios que practicavam em commum, sob a vigilancia de escudeiros instructores, a varias horas do dia, afim de se adestrarem no manejo das armas, e desenvolverem a força physica, eram a sua paixão; aprendeu rapidamente a montar a cavallo, a brandir a espada e a soppesar a lança, a vibrar a áscuma e o venabulo de montaria, sob as vistas sevéras e a rispida auctoridade do respectivo instructor, a qual de sorte seria mais branda ou mais macia do que a de seu moderno homonymo nas actuaes escólas de cadetes ou collegios militares. A convivencia e o tracto com os companheiros despertava a emulação aos rapazes, e arrastava-os, quantas vezes, a emprêzas arrojadas em demasia, a apostas imprudentissimas até; e sem embargo, o nobre espirito de cavalaria desenvolvia-se entre elles, e não éra raro o travarem

reciprocamente laços de sincera e inquebrantavel amizade, que apenas a morte lograva desatar, e da qual nos offerecem tão admiravel exemplo dois grandes cavaleiros, nomes gloriosos na historia patria, o infante D. Pedro e o conde de Avranches, Antão Vaz d'Almada.

Era dever dos pagens servirem com a maxima obediencia o principe ou cavaleiro na corte ou no castello do qual tinham moradia: seguiam-n'o quando ia á caça; á meza apresentavam-lhe os manjares, a elle, ás damas e aos hospedes; ajaezavam-lhe o cavallo, traziam-lh'o de rédea, sempre que lhe aprazia cavalgar. Cumpria-lhes tambem assistir aos exercicios de cavaleiros e escudeiros, exercicios que os rapazes ao depois repetiam em seus jogos e brinquedos, emulando entre si, como bem se deve suppôr, a qual imitaria com melhor exito as façanhas e os actos denodados que mais enthusiasmo lhes haviam inspirado.

Quanto ás outras prendas que deviam constituir a educação do perfeito cavalleiro, restringiam-se ellas apenas ao conhecimento indispensavel, e por vezes, assaz perfunctorio, da leitura e da escripta, da doutrina christã; dos preceitos de civilidade e das boas praxes sociaes, etiquetas e ceremonias da alta cortezia, — coisas muito mais complicadas, n'aquelles tempos jerarchicos, do que hoje em geral se suppõe! — e finalmente, a aprender de memoria as innumeras lendas e narrativas referentes ás façanhas dos grandes cavaleiros de outr'ora. Serviam, em taes casos, de mestres aos pagens as damas, com a intervenção eventual do padre capellão do castello.

O bello sexo estava aliás representado em larga escala, quer nos páços de reis e principes, quer nos castellos e solares da nobreza, e tinha a seu cargo a educação dos pagens, principalmente no tocante ás prendas da bôa cortezia, pontos de honra e preito ás damas, prendas que figuravam em primeira linha no rôl dos devêres do bom cavalleiro. Cada qual, segundo seu capricho, escolhia o discipulo que mais lhe agradava, e, — aqui entre nós, — os methodos de educação não deixavam de ser um tanto authoritarios. O cathecismo, a historia sagrada, as vidas dos santos alternavam com a arte de bem querer, de agradar, de conquistar as boas graças do sexo amavel, á força de sacrificio proprio, de cega obediencia, da mais completa dedicação.

Um alfarrabio antigo e assaz interessante, no ponto de vista do estudo dos costumes mediévaes, historiando a infancia do peregrino cavaleiro Jehan de Saintré, reconstitue, por completo, ante nossos olhos, o que era então a educação de um pagem. Residia Jehan de Saintré na côrte d'el-rei João em França, e a irmã do soberano, viuva ainda joven e de não vulgar formosura, insistente em repellir toda e qualquer proposta de casamento, tomou conta da educação do menino. Ensinava-lhe todos os dias os dez mandamentos, recommendando-lhe que jamais deixasse de os cumprir; incutia-lhe devoção ardente para com a Virgem Mãe de Deus; fazia-o rezar certa e determinada conta de Padres Nossos e de Avés Marias, além de outras orações em que eram invocados varios santos e santas; ensinava-lhe a doutrina, e de manhã e á noite a fazer o signal da cruz. Ensinava-o, ainda, a pentear e a alisar o cabello, a polir e a aparar as unhas, e a dispôr com graça e compostura as prégas do saio e do mantão. Vinha depois o mais importante, isto é, o serviço das damas, e a formosa professora impunha ao discipulo como ponto capital a dedicação incondicional para com os damas, sob pena de desdoiro e de deshonra, até. A obediencia ao bello sexo, no dizer da gentil mestra, defendia o cavalleiro, durante a sua carreira, de gravissimos erros e defeitos: — «de todos o mais grave», dizia, «é a soberba, peccado horrendo, em que jamais incorrerá todo aquelle que dedicar á dama de seus pensamentos amor sincêro e verdadeiro, pois a força do affecto tornal-o-há humilde e submisso. Livral-o ha não menos de cahir no feio peccado da ira; na obediencia ao objecto amado aprenderá a ser paciente. Attribuia ainda o gentil pedagogo de saias um sem numero de influencias beneficas ao amôr, e o moço Saintré que, quando a princeza o tomou debaixo da sua tutella, dedicando-se á sua educação, orçava pelos quatorze annos, ouvia as lições e attendia aos preceitos do ensino com tanto respeito e veneração, quanto eram formosos os labios que os formulavam, até que a princeza, um bello dia, dos preceitos passou aos exemplos. De-

ARCEBISPO DE BRAGA D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO

Fallecido em 28 de Dezembro de 1898

EGREJA DO BOM JESUS DO MONTE

(Copia de uma photographia)

clarou ao esbelto e galante pagem, agora entrado já na adolescencia, que era chegado o tempo de escolher dama, e como o mancebo, silencioso, córasse, perguntou-lhe ella, se acaso julgava ser á dama que cumpria dar o primeiro passo, e se estava á espera que alguma beldade viesse offerecer-lhe o coração; que lhe assistia o dever de declarar á dama seu affecto, rogando-lhe que houvesse por bem tomal-o ao seu serviço; alentou-lhe o animo, incitando-o a que tivesse confiança nos proprios merecimentos.

O resultado, conforme devem suppôr, foi lançar-se o pagem aos pés da nobre senhora, balbuciando uma declaração de amor. A princeza, cujo coração se inclinara decididamente para o guapo adolescente, não o deixou penar por muito tempo em anciosa espectativa, proporcionou-lhe as doçuras do amor correspondido, não deixando, porém, de pôr em pratica as theorias tão singularmente auctoritarias do seu ensino. Mas, por fim, veiu a ser ingrata, pagou-lhe mal tanta constancia e dedicação: preferiu-lhe um abbade, a quem o moço Saintré, mais tarde, já armado cavaleiro, exigiu contas severas, e, fazendo-lhe beijar o pó da arena, pôz em miseravel estado.

A mocidade fidalga recebia, mais ou menos, identica educação, quer a mestra fosse uma princeza, uma nobre castellã ou qualquer das suas aias ou açafatas, os methodos eram identicos e a religião e o amor andavam n'elles sempre associados. A dama que escolhia um qualquer pagem para seu cavaleiro servente, ficava sendo para este como que uma divindade; o véo, a luva, uma fita, a minima prenda, em summa, do objecto adorado, tinha o valor de uma reliquia. Cumpria ainda ao donzel apaixonado confiar á sua dama os mais intimos pensamentos e, quando se aventurava a beijar-lhe a mão, fazia-o com a mesma veneração e o mesmo respeito que tributaria a uma

imagem da Virgem. De semelhante educação resultou esse culto tão especiál, essa idolatria pelos cavaleiros consagrada ás damas, e que por fim veio a ser apenas uma questão de habito tradicional, e como se disséssemos, de moda, e em que o amor figurava, muita vez, como Pilatos no Credo.

O pagem, assim que prefazia os quatorze annos, e concluida que fosse a educação que recebia da respectiva dama, se acaso se achavam já sufficientemente desenvolvidas n'elle a força e a destreza nos exercicios physicos e manejo das armas, era elevado a escudeiro, e o facto era celebrado com festas e regosijos, não sómente na alcaçova ou no castello onde tinha moradia, como ainda no seio da propria familia do neophyto. Havia missa cantada na capella solarenga ou na egreja mais proxima, á qual o joven escudeiro assistia com seus paes, não havendo por parte d'estes qualquer impedimento, todos de tochas accezas na mão. Concluida a missa, o sacerdote benzia-lhe a espada, e punha-lh'a á cinta com suas proprias mãos; o cavaleiro a cujo serviço ficava adstricto entregava-lhe a lança e o escudo, e o joven escudeiro contrahia por esse facto a obrigação de seguir para toda a parte o seu senhor, de carregar com essas armas e de lh'as ter sempre promptas á primeira voz. Afivélavam-lhe tambem, pela vez primeira, espóras nos pés, mas de prata, apenas, pois as de oiro constituiam privilegio exclusivo de todo aquelle que recebia o grau de cavaleiro. Investido na sua nova dignidade, adquiria, por esse facto, o escudeiro o direito a ser provido em qualquer dos muitos cargos pelos quaes se achavam repartidos os serviços, não só na côrte de reis e de principes, como ainda nos solares e castellos feudaes, e que elle era chamado a exercer nos paços do cavaleiro, junto ao qual desempenhava as funcções de escudeiro. Cargos taes como o de mordomo-mór, reposteiro-mór, trinchante-mór, couteiro-mór, anadel-mór, etc, etc; que em nossos dias são apenas privativos dos paços da realeza, e representam quasi que unicamente distincções honorificas, sinecuras ou funcções em extremo eventuaes, constituiam n'essa época funcções effectivas, assaz trabalhosas e de bastante responsabilidade. Era, comtudo, bem mais espinhosa, difficil e arriscada, até, a missão que exclusivamente incumbia ao escudeiro, junto á propria pessoa do cavaleiro; isto é, o serviço das armas, já na guerra, já nas liças e torneios. — Incumbia-lhe o dever de armar o cavaleiro, ajudado pelos pagens, e ás vezes por outros escudeiros, pois o arnez ou armadura, ahi pelos meiados do seculo XV, chegou a ser de tal modo complicado, todo subdividido em laminas sobrepostas e peças articuladas, assaz difficeis de collocar com acêrto na parte do corpo que cada uma d'ellas era chamada a defender, que a tarêfa de vestir ao cavaleiro as armas deffensivas de cuja efficacia estava pendente a vida d'este, exigia não vulgar pericia por parte do escudeiro.

Cumpria-lhe ainda olhar pela armadura e telizes do corcél ou do ginete de peleja ou de torneio, e ver se as bardas, a testeira, o coprão de laminas, o freio, a séla, as estribeiras estavam no seu logar e solidamente afivelados. Os escudeiros seguravam no estribo ao cavaleiro e ajudavam-no a montar a cavallo, alçando-o á força de braço sobre a elevada séllla de Brabante; cavalgavam atraz d'elle e levavam-lhe os alforjes da bagagem, e peças de armas de sobresalente; na guerra assistia-lhes o dever de o seguir de muito perto e estar sempre promptos a substituir a seu amo a espáda ou a lança, partidas no calor da refrega. Levavam-lhe tambem de rédêa outro ginete, de prevenção: cumpria-lhes, ainda, accudir ao cavaleiro, quando este se achava em perigo e aparar os golpes que lhe eram dirigidos; durante a peleja, não deviam tomar a offensiva, e apenas intervir cada qual em defesa do respectivo senhor. Se acaso tomavam prisioneiros, fosse qual fosse a jerarchia d'estes, cumpria ao escudeiro guardal-os, pois tinha de responder por elles a seu amo.

No periodo aureo da cavalaria, mancebo algum era isento de servir como escudeiro, por mais nobre que fosse; abreviavam, quando muito, o tempo de serviço aos filhos de principes, se porventura se distinguiam mediante algum acto de valor pessoal deveras extraordinario. Os exercicios quotidianos, impostos pelo cavaleiro ao seu juvenil escudeiro, afim de lhe alentar o moral e o physico, eram constantes, pesadissimos: exigiam-lhe, a todo o momento, provas de rijeza muscular e de animo decidido. Os juvenis candidatos ao grau de cavaleiro além de se exercitarem no constante manejo da espada, da lança e das armas todas offensivas e defensivas que constituiam a tão complicada paraphernália da esgrima mediéval, eram submettidos ainda a um sem numero de exercicios gymnasticos assaz difficeis, afim de desenvolverem efficazmente a agilidade e a força physica, e de aprenderem a supportar com firmeza as fadigas e a dôr.

Carregados com o elmo, com as peças todas do pesado arnez de peleja, cingindo as armas brancas e de escudo ás cóstas, deviam escarranchar-se, de um salto, e sem se valerem de estribo, na elevada sêlla da gineta, a qual, ao contrario dos selins actuaes, era suspensa sobre quatro varões de ferro, afim de facultar ao cavaleiro o manejo da lança por cima da cabeça do cavallo.

Saltavam para cima de cavalos que eram lançados a galope; galgavam a pés juntos tabiques paralellos e assaz elevados, e trepavam a muros muito altos e besuntados de substancias escorregadias, valendo-se unicamente dos pés e das mãos e sem que appellassem para meios auxiliares quaesquer que fossem. Marinhavam por cordas embreadas, suspensas das traves dos tectos, ou por compridissimas váras, espetadas no chão, devendo n'este exercicio empregar apenas uma das mãos, — pois a outra a levavam atáda atraz, nas costas —, e em caso algum procurar ponto de apoio com os pés; eram, em summa, submettidos a provas, que não ficavam muito além das que hoje se exigem aos acrobátas e equilibristas nos circos de cavalinhos.

Os torneios, a pé e a cavalo, os jogos de canas e o da bafôrda, os exercicios de atirar o pelouro, e a barra, qual ainda hoje se pratica em Tras-os-Montes, e ainda outros jogos de arremêsso proprios a desenvolver a força muscular, preenchiam as horas de recreio.

(Continúa) *Pin-Sél.*

EM TERMOS DE PARTIR

A Antonio de Campos Junior

O soldado embarcou para Lisboa no comboio da tarde a desempenhar a delicada missão de que fôra incumbido.

Fernando passou o resto do dia em alfinetes, sob o imperio de grande agitação nervosa. Quando sahiu do quartel, começou a andar sem destino e, quando deu por si, estava proximo da barra; os olhos pasciam-se-lhe n'esse horisonte sem fim, que parece assentar as abobadas longiquas na superficie do mar, esse oceano que convida á meditação, sempre oscillante, incerto em catadura, capaz de beijar languidamente a praia, de cavar abysmos no seu seio, ou ainda, d'arremessar-se furibundo contra os continentes e abrir-lhes brécha. O destino do môço official assemelhava-se bastante ao vastissimo imperio liquido: agora a reflectir o firmamento, logo toldado apenas, amanhã bravio e ameaçador, como hontem descuidoso e traiçoeiro, a convidar a deleites, escondendo a porcella temerosa ao dobrar o cabo perigoso, em que a navegação péde conselhos ao saber, faz apello á prudencia, requer auctoridade ao piloto.

Era, porém, aprazivel pasto para a sua alma deixar brincar ao sabor da aragem caprichosa a limpida torrente d'esperanças que lhe ia no peito, do mesmo passo que o mar espelhava as suas impressões dilectas. Quêdou-se, pois, alí, até que o sol, sumindo-se no occaso, fez apparecer uma vermelhidão rubra lá para o occidente.

Pôz-se então a caminho de casa; afogueada tinha elle a mente de tanto pensar e as trevas da noite furtavam-lhe a argentea scintillação, semelhante ao luar intimo, que queria conservar vivido, emquanto o não assaltava a chuva de lagrimas do proximo e medonho temporal, que via além crescer temeroso, com a approximação da partida para longes terras.

Jantou de corrida, e mal enguliu o bocado, foi até ao quartel, a vêr se calmava a impaciencia. O cavaco dos camaradas pareceu-lhe sensaborão, destituido d'interesse por completo; pudéra, se elles falavam e davam importancia a assumptos tão insignificantes, á vista do que se estaria passando aquella hora em Lisboa, em casa da Balthazar!

Nada, para que o tempo passasse mais depressa, resolveu-se a ir trabalhar em alguma coisa. Nas melhores disposições se dirigiu, de feito, á secretaria do batalhão, mas, decididamente, estava incapaz de todo para fazer trabalho de geito. Depois de haver inutilisado alguns impressos, resolveu-se a desistir; pretextando uma subita enxaqueca; despediu-se dos demais e foi metter-se no quarto, onde passou a noite a phantasiar. Deitou-se cêdo e dormiu mal; ao romper da manhã estava outra vez sobre brazas, na ancia da chegada do comboio e da vinda do impedido.

Foi ao mercado do peixe, esteve no quartel, andou d'um lado para o outro, até que se sentou á meza do almoço, para a todos os instantes estar a mandar saber se Antonio já tinha apparecido.

Achava-se de novo no quarto e dava-se a pêrros pela demóra do soldado, quando este lhe bateu á porta:

— *Vossa xoria* dá licença?

— Entra, com mil diabos! — E logo que o rapaz estava de portas a dentro: — Sáfa com a demóra! Houve algum descarrilamento?

— Nada, não sr. atinei logo... ficaram todos muito *sastifeitos* das *alembranças* do nosso alféres e mandam muitas visitas... sim, a menina, — dizendo isto, voltava e revoltava o chapeu nas mãos — aquillo é mesmo uma santinha!... como o outro que diz, sim, faz confiança cá n'um *home*, sim, com perdão de *vossa xoria*, falou para uma praça... sim...

— Desembucha, homem!

— Sim, ella, pl'os modos, *apparece* a ser muito amiga da sr.ª sua avó e, vae d'ahi, como o meu alféres não tem mãe nem irmã... ella, uma comparação, *prantou-se* no logar de mana... *despois* quer cá que uma praça olhe pelas coisas e pela saudinha de *vossa xoria*... ai! muito bôa menina... *inté* me deu esta cinta. — E mostrava orgulhoso o presente recebido.

— Bem, bem; julguei que fôsse outra coisa. Olha lá: o correio já viria?

— Não *se me consta*, ainda é cêdo.

— E' que espero de Lisbôa uma carta d'importancia.

— *Vossa xoria* quitava d'essa freima; podia eu ter ido por ella — contraveiu Antonio, não lhe soffrendo o animo calar o seu despeito pela falta de confiança do amo.

— Tens razão, mas esqueceu-me. Vae tu para a porta da rua e, logo que chegue o carteiro traze-me a correspondencia.

— Fique *vossa xoria* descansado, eu vou á cáta do *home* e, mal o tópe, volto á carreira.

— Pois vae, vae, rapaz.

O impedido sahiu do quarto, desceu a quatro e quatro a escada, achando-se na rua n'um abrir e fechar d'olhos.

Fernando seguiu-o da janella e, quando o perdeu de vista, começou de passear agitado, salteiado agora por mil receios pueris, logo enlevado no antegôso da proxima leitura da almejada missiva.

Parecia-lhe terem decorrido seculos, mas a verdade é que em poucos minutos estava o soldado de volta, sendo portador da carta de Henriqueta.

Fernando pegou d'ella arrebatado, convulso, impellido por móla intima, que lhe avassallava todo o ser. Nem mesmo ouviu Antonio que, ao entregar-lhe a correspondencia, ajuntou:

— Tinha-me esquecido de passar parte a *vossa xoria* que a tal dita menina, lá de Lisbôa, botou no sobrescripto; que levei sem ser *escrevido*, umas lettras a modos como estas.

— Sim, sim, deixa-me só. — Tornou-lhe o mancebo com intimativa.

Enleiado, preso d'um grande desvanecimento e avergado ao peso da ventura, permaneceu o nosso protogonista alguns momentos a olhar insistente e vagamente para o adorado sobrescripto. Depois, phrenetico, agitou-o nas mãos, voltou-o de todos os lados e beijou-o, por fim.

Quiz abrir a carta, mas não atinava com a maneira de o fazer; elle desejava conservar quasi intacto aquelle thesouro e temia pelo seu desastramento. Achava-se, em summa, impotente para refreiar a doidice dos proprios nervos.

Ao cabo de muitas diligencias, logrou quebrar o encanto e, sofrega e deleitosamente, leu d'um folego as palavras de Henriqueta, que a breve trecho tinha decoradas, á força de as murmurar por entre os labios, tremulos e ressequidos.

Dizia assim a epistola adorada:

«Meu Fernando.»

«Obrigada por tudo. Crê que, se comprehendo a linguagem das flôres, não sou menos sensivel ás quentes expressões do teu affecto. Disponho de pouco tempo, porque fiel á tua vontade, devo apenas simular que escrevo o endereço para teu pae. No entretanto, posso affirmar-te que reli o Telemaco, de que estava bastante esquecida; aceito o difficil e espinhoso papel de Penelope e oxalá me seja permittido desmanchar de noite a teia que queres que teça durante o dia, como me foi grato entrelaçar esses cabellos, que te peço conserves sempre junto dos bentinhos que trazes ao peito. Não tenhas escrupulos; a visinhan-

ça da ultima prenda da avó santifica a pósse da primeira dadiva da casta amante.»

«Adeus e que a tormentosa noite do nosso amor seja em breve illuminada por uma radiante aurora.»

«Tua para sempre»

«*Henriqueta*»

Fernando, conservou-se por largo espaço recolhido, como que querendo deixar-se atufar pela dita que o banhava. Elle anceiava por regar proficuamente a dolorida alma d'alentos, no intento de preparal-a para o cultivo d'uma saudade consoladora e vivificante durante a longa estiagem que ia attravessar. Por fim, exclamou:

Bem dito seja Deus! Munido d'estes preciosos talismans, hei-de triumphar por força!... A uncção terna e levantada das suas palavras, alentar-me-ha com a fagueira promessa da ineffavel e invejavel corôação dos meus anhelos!... Esta adorada trança dos seus cabellos sêdosos, ao pé das sagradas reliquias de familia, será para mim como um verdejante prado d'esperança a destacar-se ridente no ambito dos velhos e musgosos muros, que nunca deram treguas, nem quartel, ao menosprezo da honra e do decóro, que circundam um veneravel recinto de tradições nobilitantes!!

Uma mancha aqui, no papel da carta, o orvalho d'um beijo na trança, podiam attestar bem a commoção de Fernando, os seus arroubos enthusiastas.

— Meu alféres, dá licença?

— Que queres tu, maldito? — Berrou de dentro o mancebo, mettendo á pressa n'uma gaveta os sagrados objectos do seu fervoroso culto.

— Saiba *vossa xoria*... não se arrenegue... mas já tocou á parada.

— Parada!... ah! sim... fizeste bem em me prevenir... vae andando para o quartel... eu já vou... estou aqui a acabar umas contas.

— O meu alféres não manda mais nada? — disse, perfilando-se e, por entre os dentes: — não se quer capacitar que um *home* entende as coisas!... isto é um fado!

A um signal negativo do patrão, foi-se embora o soldado.

Pouco depois, e levando comsigo os mobis do inebriamento que d'elle se apossára, sahiu também Fernando, direito ao quartel.

Todo esse dia esteve fóra de si, aerio e sujeito a abstrações e espasmos, todavia não deu nas vistas, porquanto todos os seus camaradas andavam alvoraçados; recebêra-se ordem para o batalhão partir em quarenta e oito horas.

Foi o solicito Antonio quem pôz em ordem e arrumou toda a bagagem do patrão. Este, preocupado e impertinente, só lhe serviu de empecilho, quando quiz metter-se a ajudal-o. O rude serviçal commentava lá comsigo:

Isto o *home* vae-me estarrecer de todo lá nas aguas do mar, se não desabáfa, estoira pela certa... o *diangas* é o raio do nó que se me *pranta* na garganta... ah! mas eu hei-de caçal-o a geito...

(Fragmento d'um romance inedito.)

(Continúa) *Bento da França.*

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO I

V

A GONDOLA E A TABERNA

Um pouco depois da hora do costume, vi-a passar; segui-a, acautellando me para que ella não desse por mim, que eu ia á descoberta do segredo. Sentia n'alma um desfallecimento. Não teria tido forças para fallar-lhe. O estado da minh'alma seria, segundo Stendhal ou Henri Beyle, á escolha, o prodroma d'um perigoso amor, o amor-paixão. — Caros amigos, vão a Veneza, para ler o livro *Sobre o amor* e haveis de reconhecer em Stendhal um conspicuo observador do coração humano — em Italia!

Segui-a longo tempo. N'uma travessa que dava sobre uma parte, então deserta, do Arsenal, sahiu-lhe ao encontro um bello, alto, vigoroso gondoleiro.

Ella tomou-lhe o braço; elle beijou-lhe a testa.

Approximei-me circumspectamente e consegui, regulando o meu passo pelo d'elles, ouvi em que falavam.

Dizia o gondoleiro:

— Pensei que já te não via esta noite. Toda em claro a levaria.

Era seu accento de extraordinaria brandura. Em verdade, não ha como esses robustos rapagões para requebros de voz assim suaves e carinhosos.

— Sahi um pouco mais tarde que o costume, respondeu ella, para me livrar da perseguição do tal francez em que te falei.

— Viste-o hoje? perguntou elle bruscamente.

— Não, não vi; mas percebi uns passos atraz de mim e deviam de ser os d'elle.

— Como o sabes?

— Só francezes ou soldados seguem mulheres a estas horas, e os passos que ouvi de soldado não eram.

Escondi-me n'um angulo escuro que se me deparou; sempre os ha para ladrões ou apaixonados, os quaes parecem estar de posse de algum segredo das *Mil e Uma Noites* para á vontade fazer surgir esconderijos.

Ladrões e apaixonados attentam em muita coisa em que outros não reparam; estudam effeitos d'echos e de luz que mais ninguem sonha; vêem e ouvem o que o vulgo não ouve, nem vê; e é por isso, — porque haveis de rir? — que ha para elles angulos escuros, por onde passareis dez vezes não reparando em mais que n'uma parede.

Antonio voltou-se para Violante.

— Aqui, já não tens receio de ser apanhada por teu tio ou qualquer dos teus. Ahi está a minha gondola que esta manhã trouxe comigo. Vamos até ao Lido.

— Até ao Lido? Nunca! Só te dou meia hora de que disponho.

— Seja; dá-me tu meia hora, que eu roubo-te outra meia.

— Não; um quarto d'hora embarcados, outro na locanda de tua tia.

Desceu para a gondola. Uma parisiense teria saltado para dentro, mas Violante era naturalmente solemne demais para saltar. Tinha em tudo uma graciosidade innata.

Chamei um gondoleiro e segui os namorados. Facil me era vêr sem ser visto, abrigando-me sob o toldo.

Antonio deu umas remadas e depois, abandonando a gondola á mercê de Deus, ajoelhou aos pés de Violante, como o faria em frente da Madona.

Vi com alegria que era seu amor todo platonico. Em Violante desejava a esposa; não queria a amante.

Passados dez minutos, Violante, talvez aborrecida do culto passivo, embora parecesse ter longe o pensamento, fez signal ao namorado para que atracasse ao caes dos Esclavões.

Pediu-lhe elle com os olhos que seguissem seu caminho, mas obedeceu a um olhar altivo de Violante.

Uma vez no caes, segui-os ainda, perdendo-me, atraz de seus passos, n'um sem numero de beccos até não sei que egreja.

Saudaram devotamente uma madona e paravam n'uma taberna, que ficava na parte mais ao sul do Canale di San Pietro, del Castello.

Installaram-se n'um pateosinho arborisado, jardim inverosimil

Fervia por ouvir-lhes a conversação. — Eis em que me auxiliou a sciencia de que, ha pouco lhes falei. — Vi logo que, passando pela cosinha, podia chegar ao pateo, e sem que me reconhecessem, alcançar uma mesa meio occulta entre as folhas da parreira. A noite, embora bonita, era algum tanto escura; um grande edificio proximo projectava a sombra immensa; as poucas folhas de vinha, que trepavam sobre caramanchões apenas esboçados, tinham proporções phantasticas; emfim um grande prisma de luz vermelha sahia pela unica janella da taberna. Costeando a luz não veriam de mim os dois amantes senão uma sombra muito incerta. Para mais ajuda, entrei atraz d'um freguez do logar.

VI

DE COMO SE ARMA A VENTURA

Mandei que me servissem no jardim um copo de cerveja austriaca, pois que na bella Veneza em que tudo é bello, tudo é máo menos os vinhos de França e as cervejas de Allemanha.

Era magnifico o meu observatorio; via distinctamente o lindo perfil da rapariga e o som da vozes, embora falassem baixinho, chegava ao meus ouvidos.

— Sabes? dizia o gondoleiro. Só ganhei hoje setenta carantanis.

— Que miseria! Pois, eu recebi cem liras. Foi uma senhora russa que foi visitar a galeria e me comprou o ultimo pedaço da minha renda.

— Ainda não tenho senão oitocentas liras, suspirou o gondoleiro, e ha já dezoito mezes que trabalho de dia no arsenal, e como gondoleiro á noite. — Eu! operario do arsenal! — Se Lourenço Rizzo, meu pae, o mais altivo dos gondoleiros de toda Veneza, pudesse prevêr que seu filho, Antonio Rizzo, havia de trabalhar como um grilheta á ilharga dos presos, partia-me a cabeça com um remo!

Vi a pequena deixar descahir a cabeça sobre o hombro do gondoleiro e enfiei de colera ouvindo o murmurio d'um beijo: — era a resposta de Violante!

Antonio, todo ancho, quiz pagar o beijo á rapariga, que violentamente o deitou a tres passos. Vejam a delicadeza do toque: quiz premiar um accento de brio em Antonio, mas nem por isso lhe outorgou maiores direitos.

Respirei e não fui eu quem approximou o gondoleiro de Violante. A tal não se atreveu.

— Oitocentas liras juntas em dezoito mezes! exclamou, dando um murro na mesa. Se não é para desesperar! Quando é que isto acabará? Que tristeza? Que tristeza! Os estrangeiros já não querem saber dos lagos e os patricios de Veneza deixam os velhos palacios de familia e vão morar nas casas negras de Florença!

— Já não gostas de mim? perguntou ella.

— Porque assim me falas, Violante? Pois não é por tua causa que eu me queixo? Pois não é porque tenha pressa de vêr-te deixar esse velho avarento, teu tio, guarda do palacio Riminio, de que se julga dono, e que faz de ti, a mais linda e habil rendeira de Murano, sua criada e o brinquedo dos filhos?

— Lembra-te bem, Antonio; quando me falaste do teu amor, disse-te: — Antonio Rizzo, julgo te honrado e animoso; casaremos, quando pudermos tornar a comprar o casal e os campos em que meu pae me criou, no sopé do monte Herma; lá nos estabeleceremos e criaremos os filhos, como montanhezes, inimigos de todos os inimigos.

— Sim, sim, isso foi o que me disseste, murmurou Antonio.

— E ambos, aos pés de Madona de Santa Maria della Salute, jurámos que haviamos de casar no dia em que, pelo nosso trabalho, houvessemos completado as tres mil liras precisas para nos estabelecermos no monte Kerma. Ora tens oitocentas liras e eu tenho quinhentas e cincoenta, e o meu negociosinho das rendas cresce dia a dia. Temos, Antonio, a tarefa em meio; pois é agora que havemos de perder o animo? Não. Ora pergunta á tua tia.

A tia era a taberneira. Por isso iam lão longe occultar-se. Estavam ali em familia.

E assim falando, Violanta inclinava a cabeça, punha os olhos nos olhos do namorado. Tinha todo o encanto, toda a meiguice d'uma gatinha brincando. Eu, olhava para elles e fazia reflexões assaz severas sobre a minha fatuidade.

— Tenho que dizer adeus a tão linda rapariga, dizia comigo. O proprio Satanaz havia de esbarrar contra tanto juizo, tanta confiança e tanto amor. Parece que muito gosta d'elle! E depois eu não sou o sr. Satanaz E para que ir escangalhar a vida toda paz, que esta criança de ante-mão arranjou, como se houvera já passado por todas as decepções da mocidade? Será este o seu primeiro amor, ou alguma vez illudida já foi? Não, não, seu porte altivo, o socegado brilho de seus olhos, uma tal segurança cheia de ingenuidade e de confiança virginal, não são traços que deixe um primeiro amor, uma seducção. Um engenho precoce achou o caminho da verdade. A ignorancia e a innocencia verão assim mais longe que a experiencia e o saber? — Que lhe direi eu, que poderei offerecer-lhe, parisiense, ave de arribação, áquella altiva pomba, para que ponha de parte o sonho mégo da choupana paterna reconquistada, dos pequeninos lindos, correndo de pé descalço, pelas veredas do monte?

Interrompera Paulo de Hauteroche.

— Diabo! Estavas n'essa noite, dando, estupidamente, em sentimental, disse Baccarat, rindo.

— Cala-te, disse Mario, que elle tinha razão. Aposto cem luizes que tinha razão.

— Sabes-me do fraco! Sabes que me pélo por apostas! respondeu Henrique de l'Escluse; mas á certa nunca aposto.

— Bem sabes que perderias, pois que todos vi-

mos essa altiva pomba pelo braço da tal ave de arribação, como o nosso amigo Paulo de Hauteroche se alcunhon.

— Mas que foi feito d'ella? replicou Mario. Ahi esconde-se um drama. Repito que as observações que Paulo de Hauteroche a si mesmo fez, n'essa noite de que nos fala, eram perfeitamente ajuizadas. Se seguira o bom impulso não teria morto uma mulher — pois que isso é o que nos vais contar, não?

— Mas, disse Baccarat a Mario, tambem não houvera conhecido, como já nol o confessou, o sonho impossivel, que se chama a ventura!

— Sim; mas não o haveria perdido! disse Hauteroche com um suspiro.

— Ahi tens, disse Mario; se essa ventura elle a não houvera conhecido, não andaria agora n'um desespêro porque a perdeu. . Logo...

— Olá, Mario, queres então prégar-nos a renuncia, que havemos de fazer de nós mesmos, e a santa ignorancia do mal e do bem?

— Basta, srs, disse eu com auctoridade. Se começam a discutir a fundo o merito das renuncias e da ignorancia, ficaremos aqui até ámanhã de manhã, e não ouviremos ao nosso amigo a historia, que talvez sobre o assumpto nos pode esclarecer a verdade.

— Vão sabel-o, disse, Hauteroche, se me deixam continuar.

— Conta.

Hauteroche continuou:

— Por muito que me espantasse ver uma criatura assim formosa entregar o coração a um gondoleiro, força me era confessar que este alguma coisa tinha a seu favor. Vira-o na gondola em seu officio. Remando, era a imagem da robustez e da elegancia. Que elle o quizesse era o bastante, e a gondola vivia, estremecia á sua voz, tinha a macieza e a doçura dos cisnes. Com que arte, sem nunca esbarrar passava entre a turba das outras gondolas! Como torneava um angulo ou atracava a um traghetto!

Acabei por pensar que só me restava ir, no dia seguinte de manhã, ajoelhar-me ante o genio das artes e pedir-lhe protecção em frente de qualquer obra prima do Ticiano, admirada alguns dias antes.

Com o impulso d'esta idéa, ergui-me. Cahiu o copo e ouvi Violante dizer baixinho.

— É o francez!

Affrontei-o. Passei por deante d'elle e sobretudo por deante d'ella. — Singular effeito psychologico! — tive tentações de deitar as mãos ás goelas de Antonio e perguntar-lhe porque assim me tinha roubado o amor d'aquella rapariga loira. — Afinal contentei-me com comprimental-a por tres vezes e sahi do jardim, tendo primeiro paulatinamente accendido o meu charuto.

Sahi, encantado comigo mesmo —: não havia de que. Mas ia pensando, para justificar a retirada, que o meu silencioso cumprimento accenderia na alma do veneziano, mais do que uma violenta aggressão, ciumes e coleras. Não me enganava; depois soube que Antonio furioso, havia querido seguir-me e atirar comigo ao canal de S. Pedro. Foi Violante que o susteve, não sem custo, fazendo-lhe ver as consequencias que poderia ter a morte d'um estrangeiro, talvez encarregado d'alguma missão pelo seu governo.

Essa noite, perdi-me por não sei quantos beccos, atravessei não sei quantos Campi e fui dar emfim á Fondamenta Nuove, ao pé do Canal Murano. Felizmente ali encontrei um gondoleiro não enamorado, que me levou até ao hotel Danieli, onde cartas de Paris me trouxeram o esquecimento das minhas ingenuas peregrinações.

(Continúa).

NECROLOGIA

JOÃO CHRISOSTOMO MACKONELT

Nasceu em Lisboa a 24 de dezembro de 1839 João Chrysostomo Mackonelt, filho de José Maria Makonelt, de origem irlandeza, o que bem confirmava seus cabellos louros, olhos azues e vivos a par da robustez phisica.

Intelligencia clara, amante do saber, illustrou o espirito, cultivou as lettras, e a sua palavra fluente e viva fez-se muita vez ouvir nas assembleias populares das associações, com interesse e applauso, porque Mackonelt foi um verdadeiro apostolo da associação, dos que quebraram lanças em Portugal pelo socialismo, assim como pela libertação dos escravos e emancipação da mulher.

Tudo que era, grande e generoso se abrigava n'aquella alma.

Foi um typographo distincto e n'essa qualidade dirigiu por alguns annos a imprensa nacional de Loanda.

Regressando á Europa, foi empregado para a direcção dos Caminhos de ferro do Minho e Douro, onde esteve até 1892 sendo depois transferido para a secretaria da Camara dos Deputados.

Em 1862 publicou o *Consorcio de El-rei D. Luiz I com a princeza D. Maria Pia de Saboia.*

Em 1868 fundou com Braum Peixoto, *A Illustração Feminina* onde escreveu activamente sobre a emancipação da mulher.

JOÃO CHRYSOSTOMO MACKONELT

FALLECIDO EM 22 DE DEZEMBRO DE 1898

Em 1871 publicou *Os Socialistas* e em 1872 *Propaganda Democratica* e *Portugal e a Republica.*

Depois da revolução de Hespanha de 1869 Mackonelt com Sousa Brandão e Costa Goodolphim tratou de fundar o jornal *Republica Federal.*

Collaborou em grande numero de jornaes, entre elles *O Jornal do Commercio, Gazeta de Portugal, Diario de Noticias, Diario Illustrado, Correio do Povo, Federação,* e *Jornal do Trabalho* de Lisboa; *Commercio Portuguez, Jornal da Manhã* e *Machina* do Porto; *Democracia Pacifica* de Elvas; *Diario Mercantil* de Loanda; *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, etc.

João Chrysostomo Mackonelt viajou por varios paizes da Europa e da America e em todos augmentou o seu cabedal de conhecimentos.

Teve uma vida bastante laboriosa e accidentada, o que se compadecia com o seu genio activo e irrequieto, de imaginação viva e aventurosa, onde dominava um espirito alegre, tendo sempre interesse a sua conversação.

Para todos que o conheciam foi uma verdadeira surpreza a sua morte repentina. Para os amigos uma grande magua.

Publicações

Recebemos e agradecemos:

Estação automovel submarina Fontes, *Lisboa*, 1898.

A firma Alves da Rocha & C.ª, tendo tomado o encargo de fazer pôr em pratica em toda a sua plenitude, no paiz ou no estrangeiro, o projecto de estação submarina de que é auctor o capitão tenente da nossa armada sr. João Augusto de Fontes Pereira de Mello, entendeu dever reunir em folheto o que de melhor e mais auctorisado se tem escripto sobre o assumpto, não só por julgar isto util ao bom desempenho do seu mandato, como para servir de esclarecimento a todos aquelles que se interessam por tão importante questão.

Como os nossos leitores devem estar lembrados, O OCCIDENTE tratou em tempos largamente d'este assumpto, e no folheto de que se trata veem transcriptos os artigos e reproduzidas as estampas então publicadas.

D'esta collecção fez-se tambem uma versão em francez, de que egualmente recebemos um exemplar, e que tornará mais facil a vulgarisação do conhecimento do submarino Fontes, sendo licito esperar que alguma nação maritima colonial adquira esta machina de guerra, invento de um portuguez, mas que na sua patria não achou a merecida protecção.

Relatorio *da Real Sociedade Portugueza Beneficente no Pará — Pará*, 1898.

Este relatorio foi apresentado á assembléa geral da Real Sociedade Portugueza Beneficente no Pará, em sessão de 11 de setembro de 1898, pelo seu presidente, sr. Joaquim da Silva Vidinha.

N'este documento relativo ao anno de 1897 se consignam muito lucidamente os elementos proprios para a analyse e conhecimento da situação da benemerita sociedade e dos esforços dos seus directores e nossos compatriotas, que ha 44 annos sustentam esta importante associação de beneficencia, sempre prospera e sempre prodiga de beneficios, constituindo o mais bello padrão de gloria da colonia portugueza no Pará.

Rectificação

A pedido do auctor fazemos a seguinte rectificação, no principio do artigo *A Consoada* publicado na pag. 291 do ultimo vol. por ter sahido alterado.

Completamente só, no seu casebre desguarnecido de todos os confortos e privado até do pão de cada dia, a tristevélhinha delirava já de fraqueza, ao calôr do forte brazido que se conservava accêso na lareira.